Mesa Redonda - Corpo e Razão

Sem Corpo Não Tem Lógica

Daniel Durante
Departamento de Filosofia – UFRN
Natal-RN – Brasil
daniel.durante@ufrn.br

Lógica: avaliação de argumentos. Separa os bons (válidos) dos maus (inválidos).

Argumento: conjunto de sentenças que corresponde à expressão linguística de um raciocínio.

Conclusão (de um argumento): a sentença que corresponde ao ponto final do raciocínio expresso no argumento. Aquilo que se conclui.

Premissas (de um argumento): as outras sentenças (que não são a conclusão) que correspondem ao ponto inicial do raciocínio expresso no argumento. São as informações das quais se parte para chegar à conclusão.

(1)

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

(2)

Se P. Kelmon ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Padre Kelmon ganha.

(1)

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

Válido

(2)

Se P. Kelmon ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Padre Kelmon ganha.

Inválido

Questão – O que é um bom argumento?

O que significa dizer que um argumento é válido? Como poderíamos descrever aquilo que diferencia o argumento 1 (válido) do 2 (inválido)?

Questão – O que é um bom argumento?

O que significa dizer que um argumento é válido? Como poderíamos descrever aquilo que diferencia o argumento 1 (válido) do 2 (inválido)?

Resposta – As premissas garantem a conclusão.

Os argumentos válidos são aqueles que expressam raciocínios infalíveis, nos quais as premissas de que se parte **garantem <u>infalivelmente</u>** a conclusão a que se chega.

Questão – Quando as premissas **não garantem** a conclusão?

Sabemos que o argumento (2) é inválido, expressa um raciocínio falho, porque suas premissas são verdadeiras, mas sua conclusão é falsa. A verdade das premissas não é suficiente para garantir que a conclusão será verdadeira.

(2)

Se P. Kelmon ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Padre Kelmon ganha.

Inválido

Questão – Quando as premissas **não garantem** a conclusão?

Sabemos que o argumento (2) é inválido, expressa um raciocínio falho, porque suas premissas são verdadeiras, mas sua conclusão é falsa. A verdade das premissas não é suficiente para garantir que a conclusão será verdadeira.

(2)

Se P. Kelmon ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Padre Kelmon ganha.

Inválido

(3)

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Lula ganha.

Questão – Quando as premissas **não garantem** a conclusão?

Sabemos que o argumento (2) é inválido, expressa um raciocínio falho, porque suas premissas são verdadeiras, mas sua conclusão é falsa. A verdade das premissas não é suficiente para garantir que a conclusão será verdadeira.

(2)

Se P. Kelmon ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Padre Kelmon ganha.

Inválido

(3)

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Lula ganha.

Inválido

Questão – Quando as premissas **não garantem** a conclusão?

(3)

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Lula ganha.

Inválido

Resposta – quando há um contraexemplo

Dizer que premissas não garantem a conclusão não é dizer que a conclusão é falsa. É dizer que a conclusão **pode ser falsa**, mesmo quando as premissas são verdadeiras.

Isso é o mesmo que dizer que uma **situação hipotética** na qual as premissas são verdadeiras e a conclusão é falsa (um contraexemplo) **não é impossível**.

(1)

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

Válido

(3)

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Lula ganha.

Inválido

(1)

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

Válido

O argumento (1) é **válido** porque em <u>todas as situações hipotéticas</u> nas quais suas premissas são verdadeiras, sua conclusão também será.

(3)

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.
Bolsonaro perde.
∴ Lula ganha.

Inválido

O argumento (3) é **inválido** porque há situações hipotéticas nas quais suas premissas são verdadeiras, mas sua conclusão é falsa: imagine, por exemplo, que Vera Lúcia do PSTU venceu.

Questão – Quando uma situação hipotética é impossível?

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

Válido

Mas aí você, com raiva, propõe uma **suposta situação** dizendo: **Imagine**...

- que todos os brasileiros são repolhos,
- que Platão é brasileiro,
- mas que ele não é um repolho.

Nesta <u>suposta situação</u> as duas premissas são verdadeiras e a conclusão é falsa. Portanto ela deveria ser um contraexemplo que mostra que as premissas não garantem a conclusão e que o argumento (1), por isso, seria inválido.

Questão – Quando uma situação hipotética é impossível?

Suposta Situação: **Imagine**...

a– que todos os brasileiros são repolhos,
b– que Platão é brasileiro,
c– mas que ele não é um repolho.

Eu, Daniel, tenho dificuldade em imaginar esta suposta situação. Porque quando você me diz que todos os brasileiros são repolhos (*a*) e que Platão é brasileiro (*b*), você **já está** me dizendo que ele é um repolho. A **<u>informação</u>** de que Platão é um repolho já está contida em (*a*) e (*b*).

Aí você continua e diz (*c*), que Platão não é um repolho. Então, na prática, você está dizendo que ele <u>é e não é um repolho</u>. E eu não consigo imaginar isso. Esta suposta situação é **impossível**.

Questão – Quando uma situação hipotética é impossível?

Resposta: uma situação hipotética é impossível quando ela viola a lógica, quando ela é contraditória, incoerente.

Questão – Quando uma situação hipotética é impossível?

Resposta: uma situação hipotética é impossível quando ela viola a lógica, quando ela é contraditória, incoerente.

PROBLEMA → Circularidade

- **POR UM LADO**: o que caracteriza um argumento como bom (lógico, válido) é que não é possível uma situação na qual suas premissas são verdadeiras e sua conclusão é falsa.

- **POR OUTRO LADO**: o que caracteriza uma situação como possível é que ela não viola a as leis da lógica. Situações inconsistentes, contraditórias, não são possíveis.

Escândalo! A fundamentação da lógica é circular mesmo. E isso quer dizer que não há um modo incontestável de justificar as leis lógicas. Não há um domínio mais básico do que a lógica que podemos usar como explicação e justificação das leis lógicas.

Mas isso não deveria escandalizar vocês, que são estudantes de filosofia. Neste aspecto, a lógica não está em pior situação que as outras disciplinas filosóficas. Afinal para onde podemos recorrer para justificar nossos princípios éticos e morais, nossas concepções políticas, estéticas ou nossos pressupostos metafísicos?

O que fazer? E o que tudo isso tem a ver com corpo?

Apesar de não haver um domínio mais básico onde as leis lógicas possam ser justificadas, há sim um domínio onde a lógica pode ser aplicada e testada: **o mundo empírico**.

Apesar de não haver um domínio mais básico onde as leis lógicas possam ser justificadas, há sim um domínio onde a lógica pode ser aplicada e testada: **<u>o mundo empírico</u>**.

Voltemos ao nosso argumento platônico:

Todos os brasileiros são repolhos.
Platão é brasileiro.
∴ Platão é um repolho.

Válido

A realidade empírica não é suficiente para atestar que este argumento é válido. E apelar para situações hipotéticas, como vimos, é circular. O que podemos fazer? O que os lógicos fazem?

Os lógicos simbolizam este argumento. Encontram sua **<u>forma lógica</u>**:

Todos os brasileiros são repolhos. Platão é brasileiro. ∴ Platão é um repolho.	Todo **B** é **R** **p** é **B** ∴ **p** é **R**

Essa forma lógica nos dá muitos outros argumentos semelhantes, que têm a mesma forma. Basta substituir **B** e **R** por outras propriedades e **p** por outro indivíduo:

Os lógicos simbolizam este argumento. Encontram sua **<u>forma lógica</u>**:

Todos os brasileiros são repolhos. Platão é brasileiro. ∴ Platão é um repolho.	Todo **B** é **R** **p** é **B** ∴ **p** é **R**

Essa forma lógica nos dá muitos outros argumentos semelhantes, que têm a mesma forma. Basta substituir **B** e **R** por outras propriedades e **p** por outro indivíduo:

Todos os anjos têm asas. Ariel é um anjo. ∴ Ariel tem asas.	Todos os natalenses são potiguares. Percival é natalense. ∴ Percival é potiguar.

Todos os planetas são esféricos. Vênus é um planeta. ∴ Vênus é esférico.	Todos as baratas têm seis patas. Este ser é uma barata. ∴ Este ser tem seis patas.

Atestamos **empiricamente** a validade da forma lógica…

Todo **B** é **R**
p é **B**
∴ **p** é **R**

…do mesmo modo que atestamos a validade de qualquer lei científica:

– **Aceitamos** que a lei científica ***f = m.a*** é "verdadeira" porque os fenômenos empíricos não a falsificam.

– **Aceitamos** que os argumentos com a forma acima são válidos, porque <u>suas instâncias empiricamente verificáveis não o invalidam</u>: jamais têm premissas verdadeiras e conclusão falsa.

O **fundamento para a validade** de um argumento é a validade de suas instâncias empíricas.

O **fundamento para a invalidade** de um argumento é a existência de algum contraexemplo empiricamente verificável.

O **fundamento para a validade** de um argumento é a validade de suas instâncias empíricas.

O **fundamento para a invalidade** de um argumento é a existência de algum contraexemplo empiricamente verificável.

Se Lula ganha, então Bolsonaro perde.	**L → B**
Bolsonaro perde.	**B**
∴ Lula ganha	∴ **L**

Este argumento é inválido, porque tem uma instância empiricamente verificável com premissas verdadeiras e conclusão falsa (o argumento do Padre Kelmon)

Questão – Mas qual é o fundamento da empiria?

Qual é o fundamento da verificação empírica da verdade ou falsidade de qualquer sentença?

Questão – Mas qual é o fundamento da empiria?

Qual é o fundamento da verificação empírica da verdade ou falsidade de qualquer sentença?

Resposta: o corpo.

A empiria é aquilo que fala ao corpo. No final das contas, fazemos, em lógica, uma extrapolação do que, em última instância, nasce de uma perspectiva corporal e depende do corpo.

Questão – Mas qual é o fundamento da empiria?

Qual é o fundamento da verificação empírica da verdade ou falsidade de qualquer sentença?

Resposta: o corpo.

A empiria é aquilo que fala ao corpo. No final das contas, fazemos, em lógica, uma extrapolação do que, em última instância, nasce de uma perspectiva corporal e depende do corpo.

Sem corpo não tem lógica